

Hiatus

Carollina Lauriano

O tempo é um conceito extremamente relativo que o ser-humano tenta dar conta, desde a invenção do relógio, passando pelos sermões de Santo Agostinho, até as abordagens modernas da literatura de Marcel Proust e da psicanálise de Sigmund Freud. Em sua primeira exposição individual na galeria, Graziela Guardino aborda o tema por meio de doze obras inéditas, que figuram entre a pintura e a instalação.

*Hiatus* fala sobre esse tempo em suspensão entre dois acontecimentos, e o vazio que se instaura nesse período. E assim é o trabalho da artista, que parte da desconstrução do linho, resignificando o suporte e a materialidade tanto da pintura, quanto das obras têxteis. Nesse sentido, Graziela se vale do caminho oposto esperado para construção das duas obras: ao invés de adicionar camadas, ela as remove.

Sua experimentação com cor, forma, material e composição transforma a ideia da tecelagem, de um elemento bidimensional, para um componente arquitetônico, que desafia os limites, não só do suporte, mas também do espaço. Desenvolvendo suas obras no campo da arte experimental, da abstração óptica e do pós-minimalismo, suas linhas parecem estar sempre testando inconscientemente as fronteiras entre o objeto trabalhado e a obra de arte.

E nesse desfazer das tramas que o trabalho da artista se revela. As pinturas-esculturas tecidas de Graziela são o resultado de experimentações e estudos de materiais formando uma linguagem visual única de abstração minimalista que se baseia na desconstrução como forma de ampliar novas possibilidades de leitura sobre reconexão, o feminino e a ancestralidade.

Nesse sentido, Graziela não abre mão da bagagem processual, identitária e mística associada ao trabalho têxtil. Pelo contrário, ela escolhe livremente incorporar ao mundo da arte contemporânea suas indagações em relação a esse suporte e as interpretações que ele ainda sucinta no nosso imaginário. Trata-se de um saber que, alheio à sua condição subalterna, produziu composição abstrata sistemática muito antes do suprematismo, um saber que inscreve os símbolos concretos e conceituais intangíveis. E que aqui, Graziela remonta nosso jeito de pensar essa construção, da ancestralidade ao contemporâneo.

No entanto, esse último conceito tem sido resgatado no campo da arte, como uma forma de revisão, afinal não haverá futuro sem que a gente repense o nosso passado. E o hiato que Graziela Guardino fala é exatamente sobre isso. Um tempo de pausa para reflexão. Um respiro entre um mundo em transformação, que requer não só tempo, mas disposição para novas assimilações e mudanças de perspectivas. Como se a artista nos fizesse alcançar uma sensação de flutuação, de que o tempo estivesse suspenso em um espaço infinito de possibilidades.